# As abstrações do Bispo Berkeley - 26/01/2024

\_Mostra que não há lugar para ideias abstratas no discurso mental\*\*[i]\*\*\_  
  
\*\*Filosofia corpuscular\*\*. Como idealista[ii], Berkeley acreditava que tudo o  
que existe é mental e se opunha à “filosofia corpuscular” oficializada por  
Locke, na época, e oriunda de Boyle, para quem o mundo é feito de átomos e  
moléculas. Para essa filosofia, a matéria é feita de corpúsculos muito  
pequenos e os corpos possuem qualidade primárias, mas não as qualidades  
secundárias que são produzidas em nós pelas sensações.  
  
\*\*O mote de Berkeley contra o ateísmo\*\*. Diante desse cenário, Berkeley  
procurou negar essa distinção e, por consequência, negar que haja matéria  
inerte, sem cor e sem alma. Negando a matéria, negava a substância e suas  
teorias e negava a teoria realista da percepção de Locke, ou seja, o ateísmo  
que seria combatido por seu idealismo.  
  
\*\*O conceito de ideia\*\*. Berkeley estava atento aos avanços dos conhecimentos  
científicos vistos por ele de maneira perversa, mas Hacking irá se ater à  
relação de sua filosofia idealista com a linguagem, especificamente como a  
mente pode conceber ideias abstratas. Berkeley aceitava o conceito de ideia  
que Hacking expõe assim[iii]: 1.) são as ideias que medeiam entre o ego e o  
mundo; 2.) elas são “vistas” pela percepção interna; 3.) as palavras  
significam ideias por meio de uma relação causal.  
  
\*\*Alguma ideia\*\*. Isso posto, Hacking toma como exemplo a palavra chuva. Ela  
pode ser usada para expressarmos vários tipos de chuva, que podem ser  
diferentes em vários lugares e isso não significa que se trate de uma e mesma  
ideia de chuva. Hacking enfatiza que, pela teoria da correspondência, deveria  
haver várias ideias de chuva que correspondem as que caem. Ele comenta que,  
para Hobbes, são ideias diferentes, mas ideias de chuva, embora não a \_ideia  
universal\_ de chuva e sim \_alguma ideia de chuva\_.  
  
\*\*A ideia abstrata dos geômetras\*\*. A isso Hacking contrapõe o \_descrever\_ ao  
\_raciocinar\_. Ao descrevermos o mundo, não tratamos de termos universais mas,  
ao raciocinar, por exemplo, sobre triângulos, raciocinamos não sobre alguma  
ideia de triângulo, mas sobre o que é universal neles[iv]. Como não dá para  
examinar cada triângulo individual, raciocinamos sobre o que é comum a eles e  
esse algo é o objeto de nosso escrutínio mental. Empiricamente há várias  
elocuções de chuva, mas a priori necessita-se de algo comum; uma ideia  
abstrata de triângulo usada pelos geômetras; aqueles que acreditam em um ego  
com ideias precisam de \_uma ideia\_ para olhar e raciocinar sobre triângulos.  
  
\*\*A ideia abstrata na teoria das ideias\*\*. Ora, se as palavras significam  
ideias, a palavra triângulo significa a ideia abstrata “triângulo” e o mesmo  
para chuva e, bingo! Platão! (O idealista original). Eis o problema: pela  
doutrina das ideias do século XVII: 1.) ideias medeiam, 2.) ideias são  
percebidas, 3.) palavras significam ideias. Até aqui tudo certo para Berkeley.  
Mas o geômetra acrescenta 4.) existem ideias abstratas que são objetos de  
“visão mental”. Berkeley não só não concorda com 4.) como condena.  
  
\*\*Problema dos universais\*\*. A questão, explica Hacking, passa pelo “problema  
dos universais”, nesse caso, como é possível que um termo geral tenha  
significado. Pode ser da abstração, mas Wittgenstein tratou como semelhanças  
de família, i.e., agrupamento de propriedades semelhantes. Decorre que a  
doutrina das ideias do século XVII não implica nada sobre o significado dos  
termos gerais, o ponto fulcral é “a teoria da prova geométrica como uma visão  
mental que requer um objeto” (p. 45). Mas, para isso, Berkeley argumenta que  
não é necessária uma ideia abstrata para raciocinar, já que podemos usar uma  
ideia particular na demonstração – inclusive isso teria sido utilizado na  
lógica simbólica posteriormente, segundo Hacking, uma dedução mental.  
  
\*\*Rejeição da ideia abstrata\*\*. Entretanto, continua ele, apesar de Berkeley  
desprezar as ideias abstratas ele não argumenta claramente que elas não  
existam já que cada um poderia, por inspeção direta, constatar tal ausência. A  
questão não é que não podemos formar imagens de ideias abstratas, o ponto é  
que uma faculdade como a visão não tem ideias abstratas por objeto e nem  
precisamos delas na demonstração geométrica.  
  
\*\*Discurso público sedutor\*\*. E Berkeley segue a máxima cartesiana de  
escrutinar somente suas próprias ideias – ali não poderia se enganar pensando  
ter uma ideia que não tem. Se podemos falar sobre o que é comum aos  
triângulos, isso não passa de palavras sedutoras que não correspondem a nada  
que pudéssemos ver por introspecção. Conforme Hacking: “O discurso público  
pode encadear essas sílabas, mas no discurso mental, livre de palavras, não há  
nada correspondendo” (p. 47)  
  
\*\*A primazia do discurso mental\*\*. Aí o discurso público é vazio, mas o que  
existe deve ser objeto do pensamento pois \_ser é ser percebido\_. E Berkeley,  
assim, pode considerar o discurso da filosofia corpuscular pura perversão de  
linguagem. Com seu argumento, Berkeley consegue mostrar principalmente que  
somos enganados pela linguagem, mas não se trata somente de uma medida  
profilática da linguística para com a filosofia. Hacking enfatiza que há um  
discurso mental encadeado de ideias internas, destituído de palavras e que é  
logicamente anterior ao discurso público que pode nos desorientar.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento do quarto capítulo de \_Por que a linguagem interessa à  
filosofia?\_ São Paulo: Editora Unesp, 1999. Ian Hacking.  
  
[ii] Segundo Hacking, ideia-lista. Ele via uma lista de ideias?  
  
[iii] Mais detalhes em: [https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/01/as-  
ideias-de-port-royal.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/01/as-  
ideias-de-port-royal.html).  
  
[iv] Para Descartes fixamos essa ideia com um firme olhar mental.